



## **Diversificação da oferta turística na ilha de Santiago. Aproximação às perspectivas de desportos e actividades náuticas**

Włodzimierz J. Szymaniak

Universidade Jean Piaget de Cabo Verde

[wjs@unipiaget.cv](mailto:wjs@unipiaget.cv)

**Resumo:** A ilha de Santiago oferece condições geográficas ideais para a prática de diversas actividades aquáticas e náuticas. Entretanto, na ilha de Santiago a prática de desportos náuticos é quase inexistente. A comunicação comenta as possibilidades de desenvolvimento de turismo especializado relacionado com o mar como uma variante de eco-turismo ou de turismo rural. Parte-se da hipótese que a realização de certas actividades náuticas pode constituir uma fonte de rendimento nas aldeias piscatórias que neste momento representam fracos índices de desenvolvimento. O autor sublinha a esquecida vocação marítima do arquipélago que se poderá transformar em marca de qualidade exclusiva no meio do turismo internacional.

Santiago é a maior ilha do arquipélago de Cabo Verde. Foi também a primeira ilha povoada do arquipélago. No meio de outras ilhas destaca-se pela presença de monumentos históricos, como por exemplo, a mais antiga catedral nos trópicos, ou vários edifícios coloniais. Santiago oferece também mais variedade paisagística que outras ilhas porque dispõe de lindas praias, misteriosas baías escondidas no meio das rochas, montanhas cobertas pela vegetação silvestre com alguns picos ou plataformas que oferecem uma vista deslumbrante para o mar avistado de dois lados. Por outro lado, e apesar da relativa facilidade de transporte, o número de turistas que chegam à ilha de Santiago é muito inferior ao das outras ilhas do arquipélago. Sem dúvida alguma, a ilha oferece muitas vantagens para o turismo cultural, ou turismo rural tais como visitas de património (muitas vezes em mau estado), trilhos de bicicleta de montanha, montanhismo e escalada. Na presente comunicação vou limitar-me unicamente aos aspectos relacionados com o mar. Não devemos esquecer que a indústria turística, em grande medida, baseia-se na venda de sonhos, e que a realidade só parcialmente corresponde à imaginação, e o mar faz sonhar.



Quando cheguei, já há alguns anos a Cabo Verde, fiquei maravilhado com o Atlântico quente e acessível durante todo o ano. As paisagens marítimas deslumbravam-me e faziam-me esquecer as noites frias e chuvosas da Europa. Desde o início procurei desfrutar de todas as actividades náuticas possíveis ou fazer longos passeios no mar nas horas livres. Infelizmente, reparei que os meus colegas e amigos cabo-verdianos não partilhavam o meu fascínio. Havia quem me perguntasse se havia vento suficiente para a prática da vela. Reparei, com espanto, que o mar raras vezes era objecto de conversa. Só muito tempo depois compreendi que o imaginário de Santiago está virado para a terra, e que não há lugar para nenhuma exaltação do oceano, reduzido na sua imensidade à *morada di sodadi*. Em São Vicente, a situação é um pouco diferente e a memória colectiva conserva lembranças de personagens como *nho* Fula, ou Jorginho Fonseca (Fonseca, 2005), grandes mergulhadores e caçadores de tubarões com punhal na mão. Mas parece que nenhum dos dois deixou discípulos dignos de mestre. Felizmente entrei em contacto com pescadores profissionais e fui muito bem recebido. Com eles aprendi segredos do mar azul, relacionados com as correntes, com o vento e com a ondulação. Ensinavam-me, sem nenhuma contrapartida, artimanhas da pesca e da caça submarina. Fiquei comovido também com a facilidade com a qual me indicavam esconderijos de lagosta, sabendo que com a minha experiência de mergulhador facilmente podia tornar-me concorrência desleal.

Tradicionalmente, os homens do mar gostam de histórias, e nas horas vagas lembram *stórias* de baleias que apareciam de repente virando o bote, de mantas enormes que, presas no cabo da âncora puxavam a embarcação para o fundo, ou sobre um tubarão tigre que sempre aparecia dando voltas no mesmo lugar e à mesma hora, como se realizasse alguma penitência.



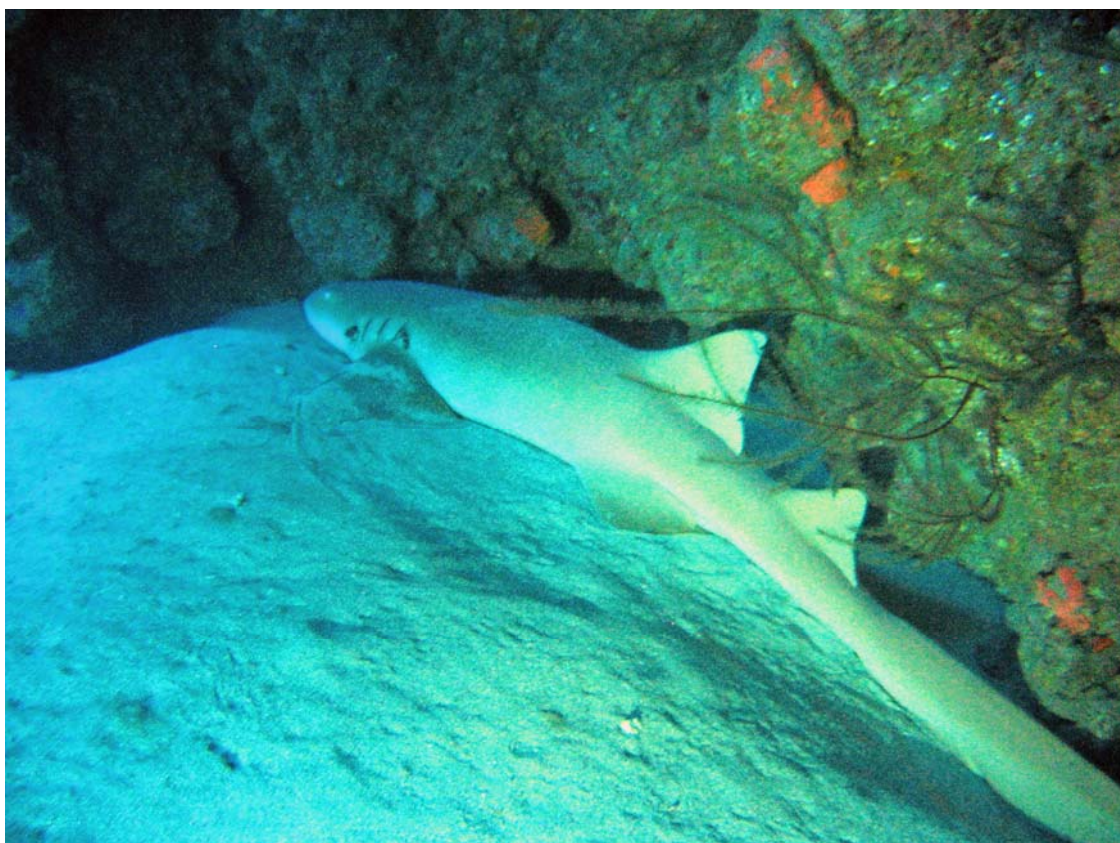
**Ilustração 1.** Vista geral da baía e da *tchada* da Ponta do Bombardeiro (fot. Włodzimierz J. Szymaniak)

As águas que rodeiam Cabo Verde são particularmente ricas em peixe, tanto em qualidade como em quantidade. Por isso quer mergulho, quer caça submarina quer pesca raras vezes se tornam monótonas, e na maioria dos casos, o mar é generoso com quem se atreve a penetrá-lo (c.f. Marques da Silva, 2008). Neste momento, no caso da ilha de Santiago o mar quase não é aproveitado turisticamente. Já Jacques-Yves Cousteau classificou as águas de Cabo Verde como fabulosas. E a ilha de Santiago dispõe de muitos recifes com abundância de formas orográficas, corais ou peixes. Existem unicamente dois pequenos clubes de mergulho (um no Tarrafal e outro na Praia). Não existe nenhuma marina, nem clube náutico, nenhuma escola de surf, e as aulas de natação são quase inexistentes. Entre várias actividades de lazer marítimas na presente comunicação vou privilegiar o mergulho livre e a caça submarina.





O snorkeling ou mergulho livre pode ser praticado em duas variantes: variante “turística” quer observação do fundo oceânico ou a caça submarina. No primeiro caso o mergulhador, equipado com máscara, tubo, e barbatanas, visita recifes e eventualmente tira fotografias.

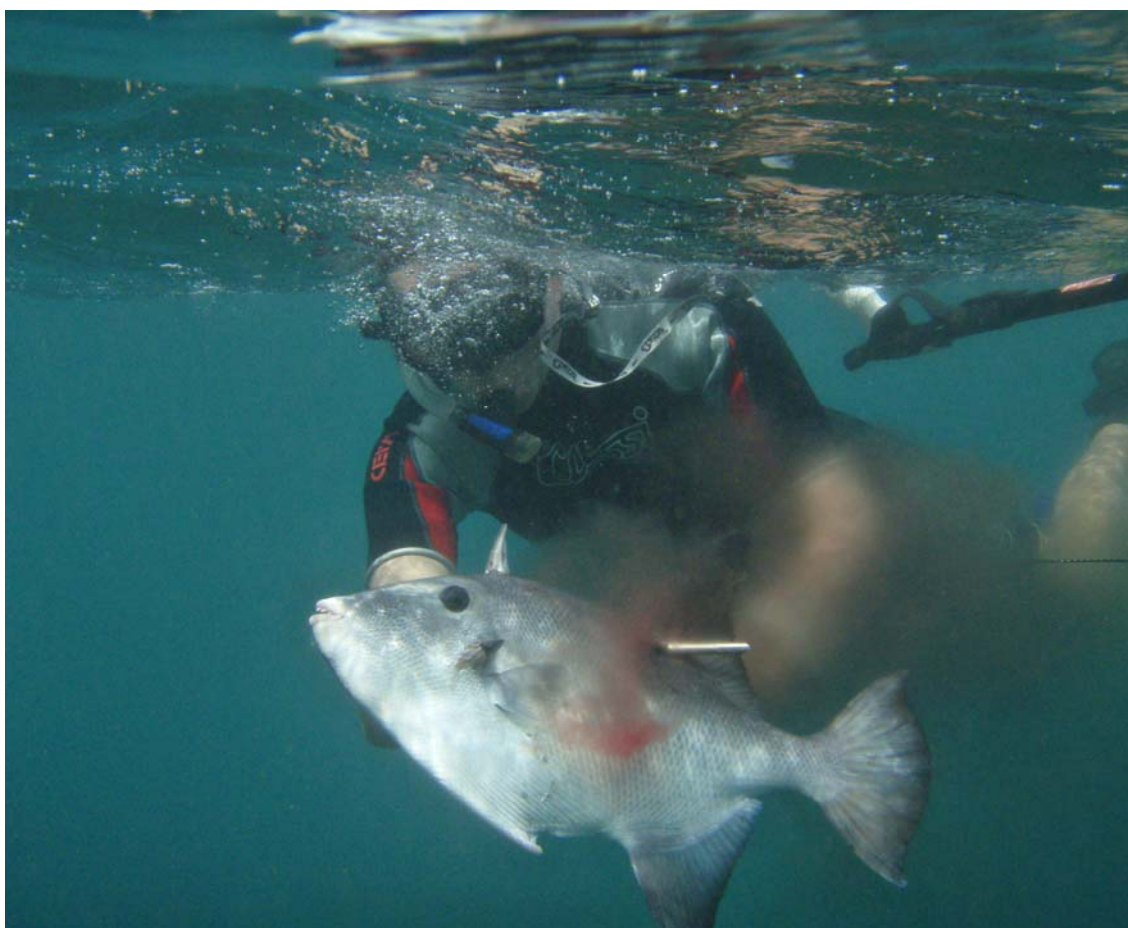


**Ilustração 2.** Tubarão gata (*Ginglygostoma cirratum*) nas grutas subaquáticas na zona de Porto Rincão (fot. Nuno Pereira)

A temperatura de água em Cabo Verde é amena durante o ano inteiro, mas se queremos permanecer na água mais tempo convém usar fato, que também nos protege no caso de eventual contacto violento com as rochas, ou raras plantas venenosas. Os recifes da ilha de Santiago oferecem grande variedade de paisagens subaquáticas, incluindo grutas, âncoras afundadas, paredes de corais e uma variedade sem fim de plantas e peixes. Mas o turismo nutre-se sempre dos mitos e, neste caso concreto, pode-se aproveitar o mito do



tubarão. Nas águas de Cabo Verde há, no mínimo cinco tipos de tubarões. Nos recifes de Santiago facilmente pode ser observado o tubarão gata. Este animal interessante atinge até quatro metros de comprimento. (c.f. Ferrari, 2001, p. 122). Pode ser visto quando dorme nos nichos arenosos dos recifes. Se não for muito incomodado, este belo e quase inofensivo animal, é capaz de utilizar a mesma toca durante anos o que facilita a sua localização e o acesso. A profundidade pode variar, mas conheço alguns esconderijos já a partir de três metros de profundidade.



**Ilustração 3.** Caça de fambil (*Balistes vetula*) (fot. Roman Chelmowski)





Entre outras espécies que podem ser avistadas nos passeios marítimos pelas zonas mais afastadas podemos mencionar tartarugas (principalmente *caretta caretta*), mantas gigantes, golfinhos ou até baleias.

Outra série de possibilidades abre a caça submarina que é um desporto que não exige muita preparação técnica, além de bom nível de natação. Na ilha de Santiago a caça pode ser praticada facilmente na proximidade das aldeias piscatórias, onde se pode alugar uma embarcação. O bote permite levar o caçador para os recifes mais afastados e aumenta também o nível de segurança. Obviamente, não convém praticar esta actividade nas zonas balneares. A caça submarina, desde que praticada com responsabilidade, é a forma mais ecológica de pescar porque possibilita avaliar cada peça antes de atingi-la.



**Ilustração 4.** Tubarão gata pescado na Baía de Santa Clara (fot. arquivo pessoal)



Desta forma, evitam-se perdas casuais, como por exemplo, exemplares demasiado pequenos, espécies protegidas, ou não comestíveis que frequentemente caem nas redes ou comem a isca da pesca tradicional.

O mergulho (de vários tipos) em Cabo Verde, certamente, pode ser uma experiência interessante e uma alternativa para as pessoas que queiram sair um pouco dos circuitos mais típicos e que desejem juntar o mergulho desportivo com uma aventura nos circuitos ainda por descobrir, longe dos *dive masters* rotineiros e sobrecarregados de grupos e ainda mais longe dos pacotes *all inclusive*. Cabo Verde, embora possua excelentes condições para a prática de mergulho e de desportos náuticos, carece ainda de infra-estruturas, e fora de alguns pólos turísticos o mergulhador encontra uma série de dificuldades no que tange o apoio logístico. Dificuldades que, ao mesmo tempo, podem ser vistas como vantagens já que permitem descobrir uma realidade bem distante, e tal como dizia Claude Lévy-Strauss, viajar significa não só deslocações no espaço, mas também no tempo. Assim por exemplo, em vez de almoçar num restaurante fast-food, podemos aceitar o convite do pescador que nos serviu de guia e almoçar sopa de *rolon* (caldo de peixe e de milho) na casa dele, contando com a *morabeza* (hospitalidade) crioula, além de um copo de grogue (aguardente de cana local). Só podemos esperar que o turismo ecológico, por exemplo, na vertente de observação de tartarugas, contribua para a preservação eficaz deste animal em vias de extinção que actualmente é caçado desapidadamente. Os pescadores em vez de caçá-los, podiam levar os turistas para observá-los e fotografá-los. Por outro lado, compete às autoridades fiscalizar as actividades piscatórias e comerciais. A título de exemplo posso citar que a pesca da lagosta na ilha de Santiago é frequentemente feita de forma furtiva, quer dizer com garrafa, com pleno desrespeito de período de desova, a até nos supermercados se vendem fêmeas com ovos.

Recapitulando a nossa comunicação podemos concluir que o turismo rural associado com o mergulho, a caça submarina ou a pesca desportiva podia facilmente enriquecer a oferta turística da ilha de Santiago. O desenvolvimento da oferta turística nem sempre exige investimentos avultados. Às vezes, contando com um pouco de imaginação, podem-se reconverter os recursos existentes. Como possível solução para o desenvolvimento do turismo rural nas aldeias piscatórias vejo parcerias entre operadores turísticos e as associações de pescadores. O movimento associativo podia assegurar um



mínimo de formação sobre ecologia marítima e sobre a segurança de turistas. Também no caso de uma associação é mais fácil adquirir o equipamento básico de segurança que depois podia ser partilhado por vários pescadores conforme a disponibilidade e a demanda dos operadores turísticos.

### **Bibliografia:**

Ferrari Andrea e Antonella, (2001), *Guide des requins*. Lausanne: Delchau et Niestlé.

Fonseca, Jorge Luiz, (2005), *50 Anos de Mergulhos em Águas Tropicais*. Lisboa: Plátano Editora.

Marques da Silva Nuno, Laíns Manuel, Neves dos Santos Miguel, Oliveira Miguel Tiago, (2008), *Sob os Mares de Cabo Verde*. Santa Maria: Manta Diving Center.